

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

Curso de Mestrado em Ciências Documentais

Investigação em ciências da informação

**ESTUDO BIBLIOMÉTRICO DOS ARTIGOS DA ÁREA DAS
CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO PUBLICADOS NO PERIÓDICO
*LEITURAS: REVISTA DA BIBLIOTECA NACIONAL***

Docente: Prof. Doutora Nazaré Gomes dos Santos

Mestranda: Maria da Luz M. Antunes

Lisboa, Abril de 2004

RESUMO

A bibliometria é o estudo dos aspectos quantitativos da produção, da disseminação e do uso da informação registada. Para a medição destes processos desenvolve processos matemáticos, usando os seus resultados para a elaboração de previsões e para apoiar a tomada de decisão.

O factor de impacto de uma publicação periódica constitui o melhor índice de avaliação do seu desempenho científico. No entanto, a análise de citações serve também para avaliar a produtividade científica individual.

Realizou-se um estudo bibliométrico de todos os números publicados do periódico *Leituras: revista da Biblioteca Nacional*, a partir dos seus artigos da área das Ciências da Informação.

O periódico não incide única e exclusivamente na temática da Biblioteconomia. Pelo contrário, alarga o campo de actuação, atribuindo uma grande importância às questões da informação, sua recuperação e disponibilização, organização científica do conhecimento e dos saberes.

Com base nas áreas de actuação delimitadas foram seleccionados 76 artigos e analisadas as suas 902 referências bibliográficas a partir de um conjunto definido de variáveis.

ÍNDICE GERAL

1	
INTRODUÇÃO	7
Enquadramento teórico	7
O PERIÓDICO <i>LEITURAS: REVISTA DA BIBLIOTECA NACIONAL</i>	12
O perfil editorial.....	12
A análise de citações.....	14
As variáveis em estudo	15
RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
Artigos sem referências bibliográficas	16
Média de artigos e percentagem de referências.....	17
Autorias individuais, institucionais, co-autorias.....	18
Auto-citação	19
Suporte de informação	20
Idiomas mais utilizados	22
Os periódicos mais citados	23
Os autores mais citados.....	24
A afiliação profissional dos autores	25
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
BIBLIOGRAFIA.....	30
ANEXOS	31

ÍNDICE DE FIGURAS

<u>Figura 1. Número de artigos sem referências bibliográficas.</u>	16
<u>Figura 2. Autorias individuais, institucionais e co-autorias.</u>	18
<u>Figura 3. O suporte de informação mais utilizado.</u>	21
<u>Figura 4. Os idiomas mais utilizados.</u>	22
<u>Figura 5. Os periódicos mais citados.</u>	23
<u>Figura 6. Os autores mais citados (valores absolutos).</u>	24
<u>Figura 7. A afiliação profissional dos autores dos artigos.</u>	26

ÍNDICE DE TABELAS

<u>Tabela 1. A distribuição dos artigos seleccionados</u>	14
<u>Tabela 2. Média dos artigos por número e percentagem de referências</u>	17
<u>Tabela 3. Os autores dos artigos e respectiva afiliação profissional</u>	25

INTRODUÇÃO

Seleccionou-se o periódico *Leituras: revista da Biblioteca Nacional* para o desenvolvimento de um estudo bibliométrico com base na análise de referências de alguns dos seus artigos: os relacionados com a área das ciências da informação.

Dado que este periódico assume uma posição demarcada na vertente cultural das organizações públicas sem fins lucrativos, as suas áreas de actuação e de edição são abrangentes, pelo que se tornou imperiosa a selecção dos artigos a explorar.

A opção pelas variáveis em estudo (num total de 22) foi definida após um estudo exploratório efectuado em todos os artigos publicados no nº 1 do periódico.

As maiores dificuldades registaram-se no levantamento de dados, dado que a referenciação bibliográfica não é homogénea ao longo dos seus treze números editados – daí que alguns dados tivessem de ser confirmados *a posteriori*.

A pesquisa de informação para a fundamentação teórica foi relativamente fácil. Não foram levantados limites linguísticos, mas a documentação mais relevante encontrava-se, por ordem de prioridades, nas versões inglesa, espanhola, portuguesa (do Brasil) e francesa.

Foi, de igual modo, muito útil não limitar os suportes de informação durante a pesquisa. Realcem-se as bases de dados em texto integral de que se beneficiou, em especial a EMERALD e o leque alargado de informação que a Biblioteca Científica Digital disponibiliza actualmente.

Enquadramento teórico

Na investigação científica, a comunicação e a informação encontram-se interligadas. É, aliás, a informação que estimula, desenvolve e suporta a investigação num fluxo e numa interacção permanentes e cíclicos.

Criação e descoberta cruzam-se. O sistema de produção de informação resultante pode ser visualizável, por exemplo, sob a forma de periódicos, em que a ciência acaba por ser considerada como uma empresa de *inputs* e *outputs*. E a medição destes *inputs* e *outputs* é que constitui a base dos indicadores científicos (Spinak, 1998), envolvendo conhecimentos específicos das áreas da economia e da estatística com as suas metodologias internacionalmente aceites e usadas.

De um modo geral, a investigação científica e tecnológica deve ser avaliada para a confirmação ou não dos seus objectivos originais e para ajuizar do valor dos seus resultados. Porém, a actividade científica só deve ser sujeita a este processo quando vista e interpretada dentro do seu contexto social. Por conseguinte, a avaliação de desempenho deve ser sensível ao contexto conceptual, social, económico e histórico do meio envolvente. Spinak (1998) conclui que a ciência não deve ser medida numa escala absoluta mas em consonância com as expectativas que o meio cultural e social nela deposita.

Mesmo a função desempenhada pela informação na vida dos investigadores (ou daqueles que produzem ciência) deve ser analisada a partir do seu meio envolvente, consideradas a natureza do seu trabalho e as influências a que estão sujeitos. Esta vertente da sociologia da ciência e da sociologia da informação exige a experiência de instrumentos conceptuais e metodológicos que se desenvolveram sob as designações da bibliometria e da cienciometria e que matematicamente se modelaram na informetria.

De onde se conclui que os dados sobre as necessidades de informação e a sua utilização só podem ser interpretados sob a óptica dos sistemas e do processo de investigação em que os investigadores e os técnicos se encontram. O ambiente cultural e político, os colégios invisíveis, as organizações e as associações profissionais, os grupos de trabalho, o sistema legal, a componente económica, o próprio sistema de informação constituem o meio envolvente. Pelo que a interpretação dos dados em bibliometria acaba por torná-la numa disciplina multidisciplinar.

Existem diversas formas de medição da avaliação das ciências e para os fluxos de informação, as quais possuem características, envolventes e funções distintas.

Pritchard, em 1969, definiu o termo bibliometria como sendo a aplicação dos métodos estatísticos e matemáticos dispostos para definir os processos da comunicação escrita e a natureza e o desenvolvimento das disciplinas científicas, mediante técnicas de contagem e análise de citações (Rubio Liniers, s.d.).

A bibliometria pode definir-se como a exploração estatística das publicações. Esta análise permite visualizar a actividade dos produtores (investigador, laboratório, instituto...) ou dos difusores (periódico, editor...) da informação científica, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo (Institut Pasteur, 2002). Pode ainda dividir-se em duas áreas: 1) a descritiva, que trata de aspectos puramente quantitativos, como a distribuição geográfica, documental, temática e a sua produtividade e 2) a avaliativa, que acrescenta à primeira estudos de avaliação da actividade científica. Esta vertente avaliativa implica técnicas estatísticas e programas informáticos de maior complexidade; os seus resultados devem ser manuseados com algum

cuidado, principalmente na área das ciências sociais, onde os factores sociais, económicos e políticos actuam sobre os factores bibliométricos, acabando por produzir desvios nos seus resultados.

Os indicadores bibliométricos que medem a produtividade científica representam índices quantitativos úteis para medir, entre outros, os níveis da produção científica de um país, de uma instituição, de um autor ou mesmo de uma publicação (Pérez Andrés, 2002), em que várias circunstâncias podem influenciar. Podem acompanhar a produção científica no seio de grupos similares, mas não servem para avaliar a qualidade da produção de um país, de uma instituição ou de uma publicação.

O uso das técnicas bibliométricas numa biblioteca pode também contribuir estratégica e decisivamente numa época de recursos escassos. Se o profissional da informação for confrontado com uma decisão a tomar sobre que títulos ou que publicações periódicas podem ou não ser suprimidas de uma biblioteca, os indicadores bibliométricos serão úteis para definir uma lista de publicações periódicas prioritárias e para prever uma eventual procura futura (Vanti, 2002). A obsolescência das colecções numa biblioteca pode, deste modo, ser controlada e minimizada.

Os indicadores bibliométricos também são utilizados para avaliar a produtividade e a qualidade da pesquisa dos investigadores, mediante o número de publicações e as citações dos diversos pesquisadores. A avaliação da produtividade científica deve ser um dos elementos principais para o estabelecimento e para o acompanhamento de uma política nacional de ensino e pesquisa, uma vez que permite um diagnóstico das reais potencialidades de determinados grupos e/ou instituições.

Sendo morosa e minuciosa a elaboração de índices de citação, a verdade é que a sua utilidade é incontestável: ajudam o investigador a localizar documentos posteriores a artigos ou a monografias. Pode ainda alargar o campo da investigação recuperando não somente os artigos citados num trabalho destacado como ainda os relacionados com os das referências de citação – o papel simbólico desempenhado pela citação é representado pelo conteúdo de artigos numa importante dimensão de recuperação da informação (Wormell, 1998).

A análise de citações que uma publicação recebe de outras posteriores ou as referências que uma publicação faz de outras anteriores constitui outro dos indicadores mais utilizados em bibliometria a partir dos anos 60. A análise de citações faz-se para medir a repercussão ou o impacto de um periódico ou de um autor. Também é usada para estudar o grau de obsolescência ou de envelhecimento da literatura científica, ou ainda através das redes

de citações conhecer os chamados colégios invisíveis, grupos de profissionais ou especialistas que se citam entre si.

Inicialmente assumia-se que o número de citações recebidas por um trabalho implicava na sua qualidade. Hoje, do ponto de vista da sociologia da ciência, ainda que a citação possa representar um reconhecimento do valor profissional, existe uma série de condicionantes sociais, políticas e económicas que distorcem e subjectivam estes índices.

Não restam dúvidas de que qualquer trabalho citado se valoriza e que uma publicação muito citada indica um impacto, mas existem factores e variáveis, além de diferenças disciplinares, e que podem ser:

- A maioria dos trabalhos não é citada ou quase nunca o é.
- Regista-se o fenómeno de que um trabalho citado o seja cada vez com maior frequência e que um autor possa ser citado em «segunda mão».
- Existem erros técnicos a partir da análise de citações derivada das bases de dados: confusão de nomes ou formas diversas de apresentação do mesmo autor, homónimos, obras em colaboração de que só se conhece o primeiro autor, etc.

Os indicadores bibliométricos reflectem, por exemplo, o uso dos periódicos, mas não são concebidos para medir o impacto científico dos autores dos artigos em particular (Pinhas & Kordon, 1997). O factor de impacto relaciona-se com o periódico e não com o artigo. É, em primeiro lugar, um índice de visibilidade do periódico. Extrapolar o seu significado pode induzir em erro: os artigos de um periódico com um elevado factor de impacto não são todos citados da mesma forma.

As principais ferramentas disponíveis para a maioria dos estudos bibliométricos são provenientes das bases de dados do Institute for Scientific Information. Os seus procedimentos de selecção de periódicos são parciais e pouco adequados ou insuficientes para avaliação da ciência e da tecnologia nos países em vias de desenvolvimento.

Existem diversas motivações, de peso muito variável, para citar um artigo e a prática da citação varia muito segundo as disciplinas e os países. Geralmente citam-se mais rapidamente os artigos do seu próprio país; por exemplo, os autores americanos de artigos de biomedicina não citam mais do que uma média de 12% de referências estrangeiras com menos de dois anos e 30% com menos de dez anos (Pinhas & Kordon, 1997), ou seja, uma taxa muito inferior ao peso real da literatura não americana.

Por isso, os dados do *Journal Citation Report* devem ser considerados primeiramente como utensílios de biblioteconomia, úteis aos profissionais de informação para orientação da sua política de aquisições e aos editores científicos para seguirem o desempenho e a evolução dos

seus títulos. Não constituem indicadores fiáveis da produção científica individual. Estes dados devem ser analisados, criticados e considerados, sendo, de igual modo, submetidos a uma avaliação.

O factor de impacto de um periódico representa, portanto, um índice muito sensível, que pode variar em função da natureza, do formato, do género ou do número de artigos publicados e pode também privilegiar certos periódicos (os designados *cited only journals*), cujas citações podem ser contabilizadas, mas não tidas em conta enquanto fontes de informação. Acrescente-se ainda que os periódicos em línguas que não a inglesa têm pouca influência sobre o factor de impacto – o que, por si só, pode representar uma análise do ponto de vista sociológico a desenvolver no futuro.

O PERIÓDICO *LEITURAS: REVISTA DA BIBLIOTECA NACIONAL*

O perfil editorial

LEITURAS Revista da Biblioteca Nacional ISSN 0873-7045 D.L. 114.489/97

O periódico *Leituras: revista da Biblioteca Nacional* iniciou a sua edição no Outono de 1997.

Publicou até ao momento treze números, sendo todos eles monográficos.

A sua periodicidade é semestral, ainda que já tenham sido publicados alguns números em simultâneo produzindo uma única edição anual.

A direcção do periódico esteve a cargo do Dr. Francisco Bethencourt até ao nº 3, tendo passado seguidamente para o Dr. Carlos Reis, que se mantém até à actualidade. Parte-se do princípio que a direcção do periódico é da responsabilidade de quem dirige a organização que o tutela – a Biblioteca Nacional.

Existe um Conselho de Redacção desde o primeiro número. A partir do nº 4, a direcção começou a incluir uma coordenação biblioteconómica, da responsabilidade da Dra. Fernanda Guedes de Campos, talvez tentando uniformizar a referenciação bibliográfica. Esta, por sua vez, começou a ser exigida somente a partir do nº 7, sendo apresentadas as referências (com exemplos) nas versões portuguesa e inglesa, segundo a NP 405-1.

As normas de edição referem-se a originais com cerca de dez páginas, sendo a responsabilidade das afirmações dos próprios autores. Estes são convidados a apresentar diapositivos ou imagens digitalizadas.

O periódico segue a NP 419:1995 (Documentação – Apresentação de artigos em publicações periódicas e outras publicações em série).

As *Leituras* reservam-se ainda no direito de reservar para melhor oportunidade a publicação dos originais que não tiverem sido solicitados para um número determinado ou ainda de sugerir alterações.

Apesar da menção expressa à NP 405-1 a partir do nº 7, regista-se alguma desorganização na referenciação bibliográfica. Esta co-habita, no entanto, com um pormenor de elevado valor bibliográfico e científico: a existência, desde o primeiro número, de uma legenda bibliográfica em todas as páginas de cada artigo (margem inferior), permitindo a sua constante identificação.

Também positiva é a inclusão de resumos em português e em inglês, desde o primeiro número, que figuram nas últimas páginas da publicação.

A tiragem variou nos primeiros números (2.000 no primeiro, 1.000 no segundo), tendo permanecido nos 1.500 exemplares até ao número mais recente.

O periódico, em si, já existia desde 1981 sob o nome de *Revista da Biblioteca Nacional*. Sofreu um intervalo de um ano (o de 1996), sendo então renovado e melhorado, do ponto de vista gráfico e organizacional. O objectivo desta nova série de volumes é o de recolocar a Biblioteca Nacional no centro do debate sobre a cultura portuguesa nas suas diversas facetas, dado que a sua responsabilidade é única na criação de espaços de reflexão, de estudo e de intervenção, não só no plano nacional, como também no plano internacional, e procurando estabelecer a ligação entre os estudiosos da cultura portuguesa nas diversas áreas do saber.

Sob esta perspectiva, o periódico não incide única e exclusivamente na temática da Biblioteconomia. Pelo contrário, alarga o campo de actuação até definir a informação como origem do conhecimento e fonte do saber. Esta publicação questiona as possibilidades de inovação numa instituição da administração pública não sujeita às contingências de mercado, mas inserida num contexto onde as bibliotecas públicas, universitárias e nacionais surgem como agentes de mudança, intervindo activamente na revolução das tecnologias da informação e da comunicação.

A organização de cada número é classificada por tipologia própria. As temáticas de classificação não se repetem em todos os números, mas existem três que são constantes: 1) Conhecer na BN, 2) Livros e Bibliotecas e 3) Editores e Livreiros.

A organização dos volumes foi efectuada segundo o modelo do *work in progress*, ou seja, em que os autores são convidados a elaborar originais segundo um plano previamente definido, sendo discutidos e aperfeiçoados até à versão final.

A análise de citações

Nesta organização temática, os temas são estudados de uma forma transversal, mantendo uma secção de temas com carácter de permanência, onde são tratados assuntos especificamente relacionados com as colecções da Biblioteca Nacional e o trabalho de carácter mais específico ali desenvolvido.

Por este motivo, registou-se a necessidade de delimitar as áreas de actuação na selecção de artigos a explorar e respectiva análise de citação, designadamente: informação, bibliotecas digitais, arquivística, estudo de utilizadores, história do livro e da leitura, inovação tecnológica, preservação e organização do conhecimento.

Com esta base de trabalho foram seleccionados alguns artigos por cada número, tendo-se verificado que dois (6 e 7) não apresentam qualquer informação das temáticas em estudo.

Tabela 1. A distribuição dos artigos seleccionados

NÚMERO	DATA	TÍTULO MONOGRÁFICO	Nº DE ARTIGOS A EXPLORAR
1		Inovação	12
2	Primavera 1998	Classificação	7
3	Outono 1998	Comparação	5
4	Primavera 1999	Almeida Garrett	5
5	Outono 1999	Arquivística Literária e Crítica textual	17
6	Primavera 2000	Brasil-Portugal	-
7	Outono 2000	Eça de Queirós	-
8	Primavera 2001	Da informação ao conhecimento: Bibliotecas Nacionais no séc. XXI	14
9-10	Outono 2001 Primavera 2002	O livro antigo em Portugal e Espanha, sécs. XVI-XVIII	14
11	Outono 2002	Gil Vicente	1
12-13	Outono 2003	Presenças de <i>presença</i>	1
			76

As variáveis em estudo

As variáveis em estudo tentaram ser exaustivas, de modo a permitir o conhecimento situacional de cada referência bibliográfica, desde a exploração dos seus dados intrínsecos até ao autor do artigo que a cita. Designadamente:

- Percentagem de autores nacionais
- Percentagem de autores estrangeiros
- Percentagem de autores institucionais
- Percentagem de co-autoria
- Percentagem de auto-citação
- Média de referências por número
- Percentagem de artigos sem referências
- Percentagem de citações de comunicações não publicadas
- Suportes de informação: percentagens de (1) monografias, (2) artigos, (3) teses, (4) actas e (5) documentos em formato electrónico.
- Idiomas mais utilizados: percentagens de (1) Português, (2) Francês, (3) Inglês, (4) Italiano, (5) Espanhol e (6) Alemão.
- Autores mais citados
- Periódicos mais citados
- Afiliação profissional dos autores dos artigos

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Artigos sem referências bibliográficas

Do conjunto de 76 artigos a explorar ao nível da análise de citações, constatou-se que 28 não indicavam qualquer referência bibliográfica.

É certo que nem todos estes artigos possuem um carácter científico. Não podemos, no entanto, deixar de realçar que os autores de 37% dos artigos em estudo não consideraram importante incluir referências bibliográficas como um convite ao leitor ou como ponto de partida para a leitura de trabalhos de linha de actuação paralela.

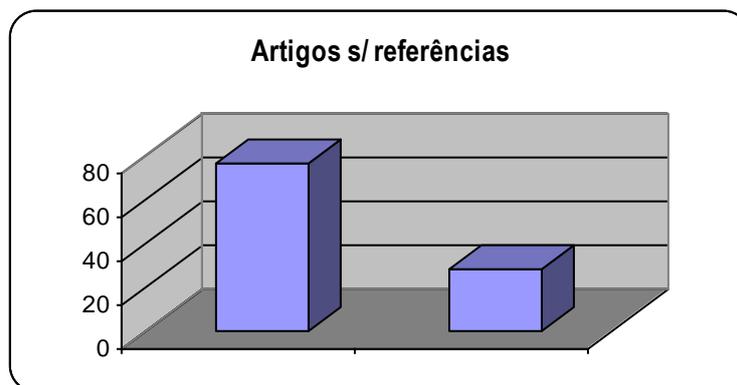


Figura 1. Número de artigos sem referências bibliográficas.

Constata-se, de igual modo, a existência de seis comunicações não publicadas. No conjunto analisado, seis referências não representam uma percentagem minimamente significativa. O que é importante realçar é que estes artigos foram elaborados, na sua maioria, por profissionais da informação (*cf.* Anexo I) que, por seu turno, sabem que comunicações verbais transmitidas em congressos ou noutros encontros com carácter de divulgação científica, pelo facto de não possuírem um suporte de informação (qualquer que ele seja), carecem de valor científico, constituindo meramente uma informação contextual para o autor e nunca de referência em artigos deste nível.

Média de artigos e percentagem de referências

Foram analisadas 902 referências bibliográficas, produto de 76 artigos explorados (cf. Tabela 2).

Tabela 2. Média dos artigos por número e percentagem de referências

Número	ARTIGOS EXPLORADOS	MÉDIA DE REFERÊNCIAS	REFERÊNCIAS	%
1	12	10,6	127	14,1
2	7	10,9	76	8,4
3	5	11,0	55	6,1
4	5	22,4	112	12,4
5	17	5,2	88	9,7
6	-	-	-	-
7	-	-	-	-
8	14	1,6	22	2,4
9-10	14	29,6	414	46,0
11	1	-	-	-
12-13	1	8,0	8	0,9
TOTAL	76	11,9	902	100

Poder-se-ão apresentar algumas considerações:

- 1) O elevado conjunto de referências do número duplo 9-10 que alcança 46% das referências bibliográficas analisadas. Os autores dos catorze artigos são maioritariamente de origem castelhana, os quais seguem uma linha de referenciação exaustiva.
- 2) Em cinco artigos analisados, o número 4 consegue uma média de 22,4 referências por artigo, de onde se conclui que os seus autores tiveram o cuidado de referenciar trabalhos e autores, de cientificamente comprovar as suas afirmações bem como de convidar o leitor a certificar-se e a documentar-se.
- 3) A baixa média de referências do número 8. Os catorze artigos representam unicamente 2,4% do conjunto de referências analisadas.

Autorias individuais, institucionais, co-autorias

Relativamente às autorias individuais das referências, verifica-se uma predominância de autores estrangeiros (60%) sobre os nacionais (40%) – note-se que o valor absoluto das autorias (individuais, institucionais e co-autorias) ultrapassa o número de referências analisadas, dada a existência de trabalhos de co-autoria.

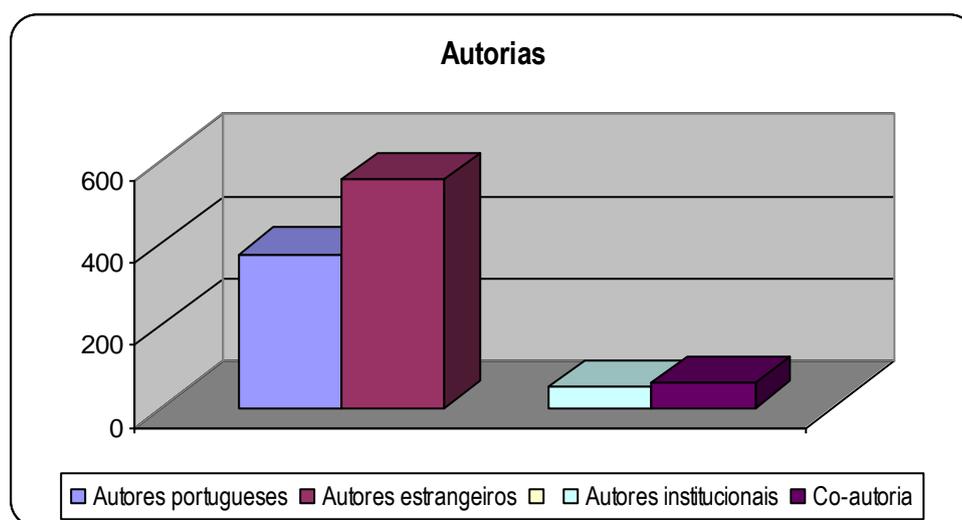


Figura 2. Autorias individuais, institucionais e co-autorias.

As co-autorias significam 7% do conjunto de referências e são basicamente constituídas por trabalhos de dois autores – a curiosidade é que dos 76 artigos explorados somente 7 constituem trabalhos de co-autoria, de onde se infere a preferência pela individualidade no trabalho. As autorias institucionais representam 5%, ou seja, 49 referências, podendo verificar-se que privilegiam os documentos emanados da Comissão Europeia (*cf.* Anexo II).

O Comité Internacional de Editores de Revistas Médicas, que possui a sua própria norma de referência bibliográfica (Norma de Vancouver) define que a co-autoria também é autoria, pelo que todos os autores devem assumir responsabilidade pública pelo conteúdo publicado (Elkis, 1999). Os créditos devem, deste modo, ser oferecidos àqueles que nos artigos contribuíram não só para a concepção e para o desenho, a análise e a interpretação dos dados, como também para aqueles que esboçaram o artigo ou a sua revisão crítica do ponto de vista intelectual. Recorde-se que a Norma de Vancouver prevê a inclusão até um máximo de sete autores nos trabalhos de co-autoria, ficando, pelo menos, estes sete autores salvaguardados na memória colectiva das bases de dados (ICMJE, 2003).

Através da co-autoria das publicações é também possível analisar o grau de colaboração dos autores (Rubio Liniers, s.d.). A tendência geral é para um aumento de publicações de vários autores em periódicos, ainda que a percentagem para ciências sociais seja muito inferior à das ciências e tecnologias. Aliás, o índice de co-autorias está relacionado com apoios estatais ou privados e com trabalhos experimentais. Lopes e Couto (1999) detectaram inclusivamente um maior índice de colaboração entre os autores mais produtivos. O trabalho em colaboração é um indicador para a detecção dos chamados colégios invisíveis, ou seja, os grupos profissionais unidos por linhas de investigação, relações pessoais, de docência, etc. De uma forma muito prática e positiva, é do conhecimento geral que os trabalhos de co-autoria estão também relacionados com os apoios económicos estatais ou privados recebidos para o desenvolvimento da investigação.

Auto-citação

Existem 43 referências correspondentes à auto-citação, o que corresponde a 4,8% do conjunto de citações. É interessante constatar que a maioria destes trabalhos se refere a teses e/ou dissertações desenvolvidas, o que demonstra uma clara preocupação em divulgar o trabalho académico realizado pelos autores.

Este factor não deve ser negligenciado nem rejeitado, ainda que o valor da auto-citação possa ser questionável, em especial quando outros autores não citam o trabalho em questão.

Porém, algumas auto-citações são essenciais. Porquê?

1. Acrescentam informação e rejuvenescem o trabalho mais antigo, dado que o autor nunca vai contradizer pontos de vista anteriormente defendidos.
2. Aumentam a visibilidade o trabalho mais antigo, enriquecendo-o e refinando-o.
3. Mantém o trabalho no «circuito» activo da informação.
4. Apela para os trabalhos futuros.
5. Confirma a validade dos argumentos do trabalho mais antigo, providenciando dados e evidências, metodologias e fórmulas.
6. Confere a aura de «mestre da temática» ao autor, porque a maioria dos autores permanece na mesma linha de investigação durante toda a sua carreira.
7. Convence os pares e os leitores, consolidando a sua credibilidade profissional (Hyland, 2003).

Pichappan & Sarasvady (2002) vão mais longe e afirmam que os trabalhos de investigação que se auto-citam indicam que não existe retorno para o seu investimento e, como parece não haver mercado para o seu produto, acabam por ser os próprios autores a comprá-lo. Outros sugerem que se trata de um reflexo de egotismo (Aksnes, 2003; Hyland, 2003).

Os profissionais da bibliometria, de um modo geral, acabam por considerar as auto-citações como constituindo mais um indicador da comunicação científica.

Suporte de informação

Considera-se o artigo a forma mais importante de divulgação do conhecimento científico. Os resultados de pesquisa podem também ser divulgados em congressos, sendo posteriormente publicados nas respectivas actas, bem como sob a forma de resumos ou *abstracts*, às vezes em periódicos indexados (Elkis, 1999).

Ao nível do suporte de informação, verifica-se que os autores privilegiaram largamente as monografias (68%) em comparação com os artigos científicos (20%), as actas dos congressos (6%) e as teses e a informação em formato electrónico (ambas com 3%).

Relativamente às teses, a análise dos dados permite-nos relacionar universidades, faculdades e departamentos mais produtivos, mas também as linhas de investigação de cada uma delas.

Não parece ser muito surpreendente que os autores tenham privilegiado as monografias. Enquanto que os periódicos concentram basicamente a sua atenção na investigação, as monografias providenciam a síntese de ideias e o contexto histórico de uma disciplina (Kushkowski, 2000). No entanto, a metodologia para determinar as preferências académicas pelas monografias nas bibliotecas universitárias, por exemplo, constitui uma área negligenciada na biblioteconomia de um modo geral.

Muito surpreendente é que, na actualidade e com o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação, os autores não tenham valorizado mais este suporte de informação. Uma das explicações será a do carácter marcadamente histórico que uma boa parte dos artigos regista, pelo que as respectivas fontes de informação não existem ainda neste suporte, mas em livro.

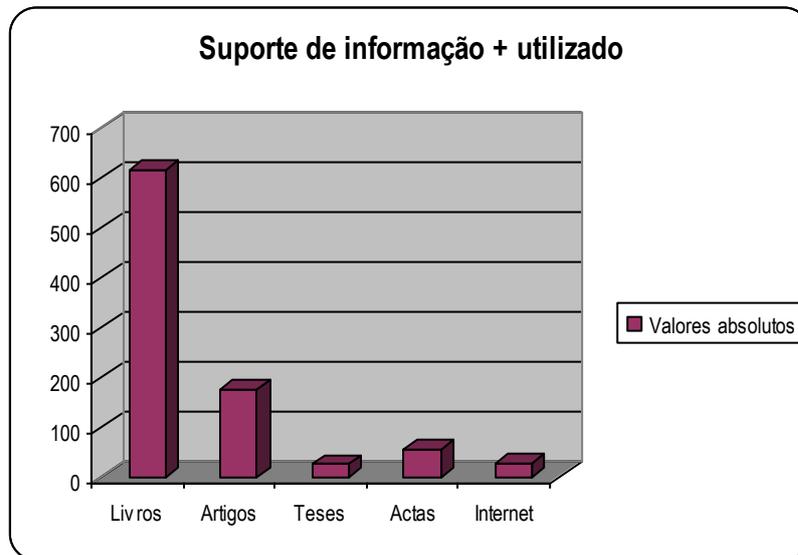


Figura 3. O suporte de informação mais utilizado.

A publicação da literatura científica depende das disciplinas. Nas ciências sociais, o livro e, sobretudo, a literatura cinzenta, como as actas dos congressos, assumem maior importância que os periódicos, o que se acentua em história. Existem algumas motivações que devem ser ponderadas, a saber:

- A baixa obsolescência da disciplina em questão, ou seja, o período de tempo em que as publicações, nomeadamente históricas, são consultadas e citadas, não sendo os periódicos considerados essenciais para a transmissão agilizada da comunicação.
- A tradição historiográfica valoriza cientificamente e em maior medida o livro, considerando o artigo de periódico como uma aproximação ou como uma introdução a temas que serão desenvolvidos e aprofundados em publicações monográficas (Rubio Liniers, s.d.). O carácter social deste tipo de documentos não deve ser esquecido, uma vez que representa a possibilidade de autores não consagrados de publicar os seus trabalhos fora do circuito editorial, quase sempre inacessível para os iniciados.

Idiomas mais utilizados

As referências revelam marcadamente o predomínio da documentação em língua portuguesa (42%), logo seguida pela inglesa (24%), espanhola (21%), francesa (9%) e alemã e italiana (2% cada).

Os autores dos artigos são principalmente portugueses. As suas fontes de informação são portuguesas e, no caso de trabalhos de cariz mais histórico, privilegiaram também a documentação em inglês e em francês.

Existe uma participação elevada de autores de origem castelhana (*cf.* Anexo), os quais, por seu turno, usam largamente as fontes de informação no seu idioma – não podemos esquecer que Espanha, por exemplo, traduz uma elevada percentagem dos documentos estrangeiros que circulam no seu meio cultural e académico.

As referências em italiano e em alemão são produto das contribuições dos autores italianos e alemães que editaram neste periódico.

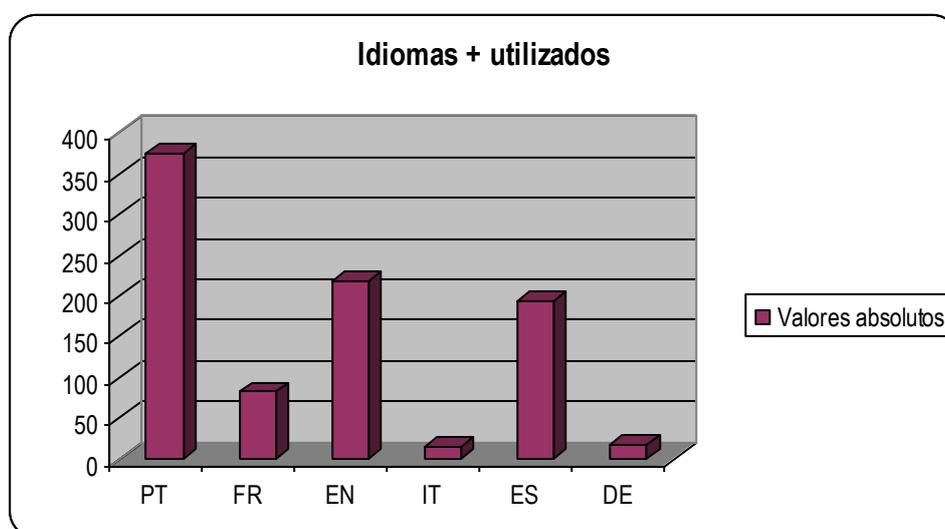


Figura 4. Os idiomas mais utilizados.

Os estudos bibliométricos realizados com base na análise de citações das mais importantes bases de dados indexadas revelam que o idioma predominante, em mais de 90%, é o inglês e que é baixíssima a percentagem de artigos registada, por exemplo, em espanhol (Ramón Ríos, 2000).

Os periódicos mais citados

Os artigos ocupam, como foi anteriormente mencionado, uma percentagem de 20% nas referências bibliográficas. Não sendo relevante, pareceu-nos, ainda assim, útil analisar as preferências dos títulos de periódicos seleccionados pelos autores.

Constata-se que os periódicos com três ou mais citações constituem 34% do total. Se se acrescentar os títulos que foram citados por duas vezes, a frequência relativa acumulada sobe para os 56%. Porém, é difícil concluir com dados tão pouco relevantes (*cf.* Anexo III).

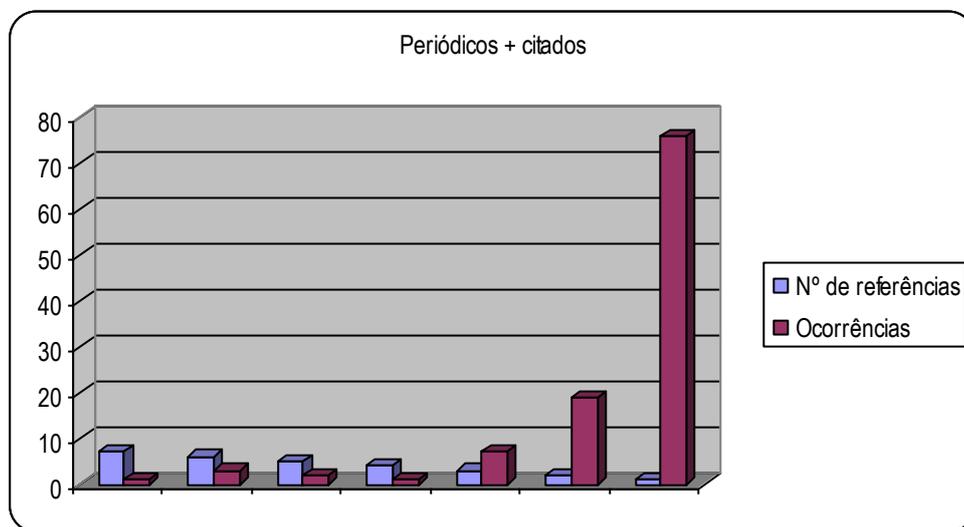


Figura 5. Os periódicos mais citados.

É interessante verificar quais os periódicos citados. No topo da referência surgem os *Arquivos do Centro Cultural Português*, logo seguidos pelos *Cadernos BAD*, pelo *Bulletin Hispanique* e pelo *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. A *Análise Social* e a *Revista da Biblioteca Nacional* são, de igual modo, razoavelmente citadas.

Todavia, é surpreendente verificar que periódicos como o *Journal of Documentation* ou os *ASLIB Proceedings* ou ainda o *American Archivist*, cujos factores de impacto são elevados no *Journal Citation Report* (da responsabilidade do Institute for Scientific Information) são pouco referenciados pelos autores dos artigos.

Os autores mais citados

Os autores mais citados reflectem, por sua vez, situações distintas:

- 1) O cariz histórico ou evolutivo de alguns artigos – daí que Almeida Garrett seja o autor mais citado, não ignorando o número temático que lhe é dedicado;
- 2) A influência recebida pelos autores da Biblioteca Nacional mais editados, como Manuela D. Domingos que, também ela, publica alguns dos artigos seleccionados (cf. Anexo II);
- 3) Os documentos emanados da Comissão Europeia, ao nível de políticas da informação;
- 4) Os autores mais clássicos da área da Sociologia da Ciência e da Informação, como Roger Chartier.

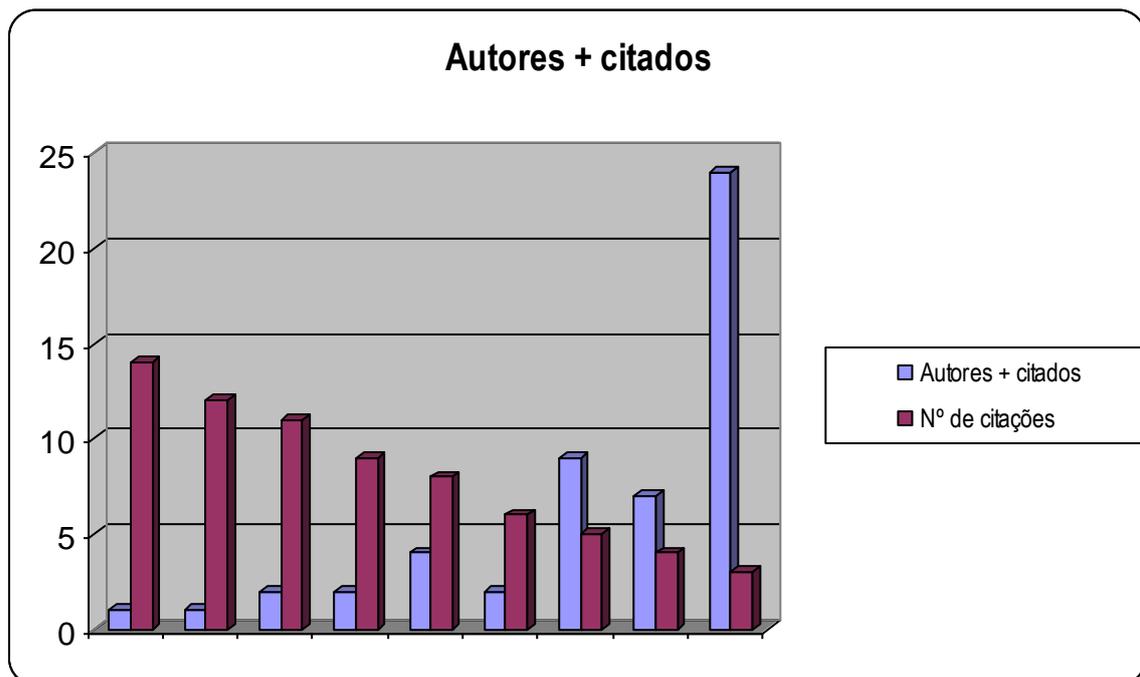


Figura 6. Os autores mais citados (valores absolutos).

Os autores que foram citados entre quatro e catorze vezes totalizam 11%. Se se acrescentar aqueles que são citados por três vezes, a frequência relativa acumulada sobe para

39%. São valores, em si, pouco significativos, mas que revelam o predomínio dos autores portugueses e espanhóis (cf. Anexo II).

Significativa é, todavia, a percentagem de 54% atribuída aos autores com uma única citação. Para a avaliação dos autores dos trabalhos é utilizada a frequência das citações ou a análise de citações dos trabalhos publicados (Elkis, 1999). O número de citações reflecte, assim, a repercussão científica do trabalho.

Conclui-se que os autores da área das ciências sociais e humanas continuam a privilegiar o trabalho individual, bem como o eventual mérito a receber pela quantidade de publicações exclusivas da sua única autoria.

A afiliação profissional dos autores

Os autores dos artigos explorados (cf. Tabela 3) são maioritariamente oriundos das Bibliotecas Nacionais e das universidades (69%). Para melhor compreender esta diferença, definiram-se limites nacionais e internacionais, dado que se registam muitas contribuições de autores europeus (de nacionalidades diversas), brasileiros e americanos (em baixo número).

Tabela 3. Os autores dos artigos e respectiva afiliação profissional

Organismos		Valores Absolutos	%
Universidades	Nacionais	14	16,7
	Estrangeiras	10	11,9
Biblioteca Nacional	Nacional	24	28,5
	Estrangeiras	10	11,9
Organismos Estatais		7	8,3
Instituições Europeias		4	4,8
Fundações		6	7,1
Bibliotecas Municipais		4	4,8
IAN/Torre do Tombo		3	3,6
Particulares		1	1,2
Não refere		1	1,2
TOTAL		84	100

A contribuição dos organismos estatais e das fundações (nacionais e estrangeiras) para a autoria dos artigos apresenta também percentagens interessantes, mas não excepcionalmente

elevadas para uma interpretação mais rigorosa – cf. Figura 7 para uma visualização mais abrangente.

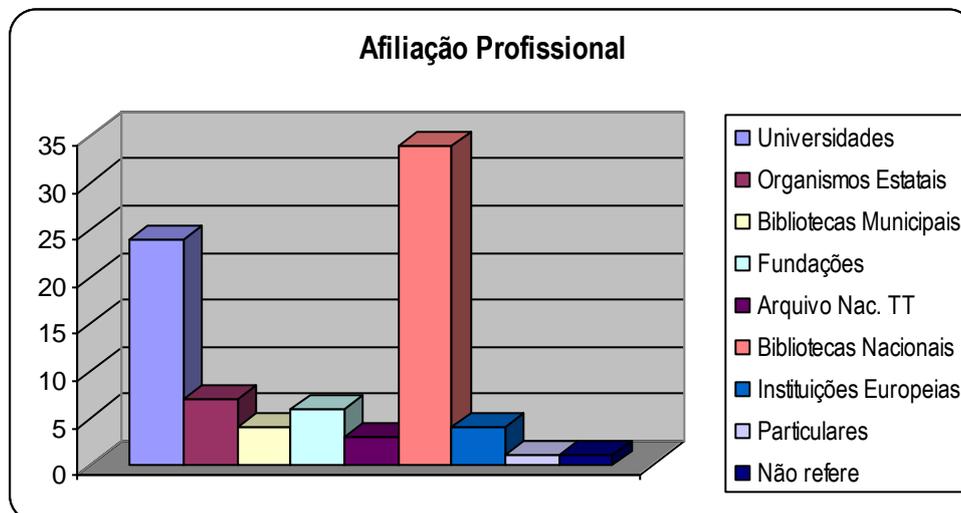


Figura 7. A afiliação profissional dos autores dos artigos.

O estudo das organizações públicas ou privadas responsáveis pela autoria de artigos, bem como a sua tipologia (de ordem comercial, governamental, académica, etc.) permite também visualizar o ambiente dos circuitos de edição de uma disciplina (Rubio Liniers, s.d.), podendo até circunscrever-se as organizações e sua produtividade (cf. Anexo I).

CONCLUSÃO

A bibliometria compreende a aplicação de análises estatísticas para: 1) estudo das características do uso e da criação de documentos; 2) estudo quantitativo da produção de documentos (como a que se reflecte nas bibliografias); 3) aplicação de métodos matemáticos e estatísticos ao estudo do uso das citações; e 4) estudo quantitativo das unidades físicas publicadas.

Conclui-se que a investigação científica que aplica a metodologia e as técnicas da bibliometria se regista, em maior escala, no campo das ciências e das bibliotecas biomédicas sendo escassa nas ciências sociais e humanas.

Infere-se que não basta simplesmente publicar. Quando se publica deve-se fazer com a qualidade suficiente de modo a produzir impacto na comunidade científica. Este impacto científico acabará por se reflectir no número de citações.

Esta investigação do periódico *Leituras* sugere que os resultados de qualquer trabalho são transmitidos sob a forma de publicações: livros, periódicos, teses, actas de congressos, relatórios, etc. Mas conclui que 68% dos investigadores da área das ciências da informação prefere consultar monografias como fontes de informação e que continua a privilegiar a documentação na versão portuguesa (42%) logo seguida da inglesa. Tal como predomina o trabalho individual ao invés do colectivo, o qual representa somente 7% do conjunto de referências. Este valor é também ele significativo quando comparado com o número de co-autoria dos artigos explorados.

Por outro lado, 4,8% das referências são constituídas por auto-citações, sinónimo, por um lado, de uma linha evolutiva dos trabalhos de investigação e onde se procura dar visibilidade a dissertações realizadas e, por outro, reflectem algum egotismo por parte dos autores que se auto-citam.

O facto de 37% dos artigos explorados não apresentar referências bibliográficas, ainda que não apresentando características de cientificidade, demonstra pouco rigor científico. O leitor deveria ter sido privilegiado com fontes de informação complementares e de certificação.

Sem pretenderem ser exaustivas, estas conclusões alcançam um veredicto final: não existe investigação na área das ciências da informação em Portugal. Todas as vertentes se encontram por explorar e, por isso, mesmo representam um fértil terreno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKSNES, Dag W. (2003) – A macro study of self-citation. **Scientometrics**. ISSN 0138-9130. 56:2 (2003) 235-246.

ELKIS, Helio (1999) – Fatores de impacto de publicações psiquiátricas e produtividade científica. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. ISSN 1516-4446. 21:4 (1999). [Em linha]. [Consult. 08.04.2004].

Disponível em WWW: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-4446

HYLAND, Ken (2003) – Self-citation and self-reference: credibility and promotion in academic publication. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**. ISSN 1532-2882. 54:3 (2003) 251-259.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF MEDICAL JOURNAL EDITORS (2003) – **Uniform requirements for manuscripts submitted to biomedical journals: writing and editing for biomedical publication**. Vancouver : ICMJE, 2003. [Em linha]. [Consult. 15.03.2004]

Disponível em WWW: www.icmje.org/

INSTITUT PASTEUR (2002) – **Initiation à la bibliométrie**. Paris : Institut Pasteur, 2002. [Em linha]. [Consult. 08.04.2004].

Disponível em WWW: www.pasteur.fr/infosci/biblio/formation/metrie/index.html

KUSHKOWSKI, Jeffrey D. (2000) – A method for determining faculty preferences for monographs. **Collection Building**. ISSN 0160-4953. 19:1 (2000) 17-23.

LOPES, Carlos Alberto ; COUTO, Ezequiel Inácio (1999) – A Psicologia da Saúde na revista 'Análise Psicológica': estudo bibliométrico. **Análise Psicológica**. ISSN 0870-8231. XVII:3 (1999) 457-470.

PÉREZ ANDRÉS, Cristina [et al.] (2002) – Estudio bibliométrico de los artículos originales de la Revista Española de Salud Pública (1991-2000). Parte primera: indicadores generales. **Revista Española de Salud Pública**. ISSN 1135-5727. 76:6 (2002) 659-672. [Em linha]. [Consult. 08.04.2004].

Disponível em WWW: <http://scielo.isciii.es/pdf/resp/vol76n6/original1.pdf>

PICHAPPAN, P. ; SARASVADY, S. (2002) – The other side of the coin: the intricacies of author self-citations. **Scientometrics**. ISSN 0138-9130. 54:2 (2002) 285-290.

PINHAS, Nicole ; KORDON, Claude (1997) – Du bon usage du facteur d'impact. **Inserm Actualités** 154 (1997). [Em linha]. [Consult. 08.04.2004].

Disponível em WWW: www.inserm.fr/servcom/servcom.nsf/397fe8563d75f39bc

RAMÓN RÍOS, Daniel (2000) – La bibliometría: nivel de penetración en la enseñanza bibliotecológica universitaria y su aplicación en el campo bibliotecario en los países del MERCOSUR. **66th IFLA Council and General Conference, Jerusalem, Israel, 13-18 August, 2000**. [Em linha]. [Consult. 08.04.2004].

Disponível em WWW: www.ifla.org/IV/ifla66/papers/162-127s.htm

RUBIO LINIERS, M^a Cruz (s.d.) – **Bibliometría y Ciências Sociales**. [Em linha]. [Consult. 08.04.2004].

Disponível em WWW: <http://clio.rediris.es/articulos/bibliometria.htm>

SPINAK, Ernesto (1998) – Indicadores cientificos. **Ciência da Informação**. Brasília. ISSN 0100-1965. 27:2 (1998) 141-148. [Em linha]. [Consult. 08.04.2004].

Disponível em WWW: www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/spinak.pdf

VANTI, Nadia Aurora Peres (2002) – Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**. Brasília. ISSN 0100-1965. 31:2 (2002) 152-162.

WORMELL, Irene (1998) – Informetrics: an emerging subdiscipline in information science. **Asian Libraries**. ISSN 1017-6748. 7:10 (1998) 257-268.

BIBLIOGRAFIA

DIMITRI, Pedro (2003) – Análisis bibliométrico de Biblios: Revista Electrónica de Ciências de la Información. **Biblios**. ISSN 1562-4730. 4:16 (2003) 104-121.

FINDLAY, Anne ; SPARKS, Leigh (2002) – European retail journals: a bibliometric analysis. **International Journal of Retail & Distribution Management**. ISSN 0959-0552. 30:8 (2002) 373-382.

FRÍAS MONTOYA, José Antonio (1998) – Quiénes son y qué citan los investigadores que publican en las revistas españolas de biblioteconomía y documentación? **Anales de Documentación**. ISSN 1575-2437. 1 (1998) 29-53. [Em linha]. [Consult. 12.01.2004]. Disponível em WWW: www.um.es/fccd/anales/ad01/ad0104/html

GLANZEL, Wolfgang ; THUS, Bart ; SCHLEMMER, Balazs (2004) – A bibliometric approach to the role of author self-citations in scientific communication. **Scientometrics**. ISSN 0138-9130. 59:1 (2004) 63-77.

LOWE, M. Sara (2003) – Reference analysis of the American Historical Review. **Collection Building**. ISSN 0160-4953. 22:1 (2003) 13-20.

MOYA-ANEGÓN, Félix de ; HERRERO-SOLANA, Victor (2002) – Visibilidad internacional de la producción científica iberoamericana en biblioteconomía y documentación (1991-2000). **Ciência da Informação**. Brasília. ISSN 0100-1965. 31:2 (2002) 54-65.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos (2003) – Produção científica: por que medir? O que medir? **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação** Campinas. ISSN 1678-765X. 1:1 (2003) 22-38. [Em linha]. [Consult. 12.02.2004]. Disponível em WWW: <http://server01.bc.unicamp.br/revbib/sumario.php>

SYLVIA, Margaret J. (1998) – Citation analysis as an unobtrusive method for journal collection evaluation using psychology student research bibliographies. **Collection Building**. ISSN 0160-4953. 17:1 (1998) 20-28.

URBANO SALIDO, Cristóbal (2001) – El análisis de citas en trabajos de investigadores como método para el estudio del uso de información en bibliotecas. **Anales de Documentación**. ISSN 1575-2437. 4 (2001) 243-266. [Em linha]. [Consult. 12.01.2004] Disponível em WWW: <http://www.um.es/fccd/anales/ad04/a14analiscita.pdf>

VISHWANATHAM, Rama (1998) – Citation analysis in journal rankings: medical informatics in the library and information science literature. **Bulletin of Medical Library Association**. ISSN 0025-7338. 86:4 (1998) 518-522.

ANEXOS

Os artigos explorados

LEITURAS, nº 1 (Outono 1997)

- P. 61 O leitor da biblioteca digital: utopia e realidade.
José Magalhães
- P. 67 A biblioteca na rede ou a rede na biblioteca: a gestão da informação na idade da *Internet*.
Joaquim Ramos de Carvalho
- P. 75 Contra a fragmentação: da Informação ao Conhecimento.
Isabel Ferin Cunha
- P. 85 As novas tecnologias e a inovação das práticas educativas.
Guilhermina Lobato Miranda
- P. 97 O comércio livreiro de cadernetas e fascículos.
Artur Anselmo
- P. 105 Sobre a investigação actual em história do livro e da leitura.
João Luís Lisboa
- P. 117 Inovação nas bibliotecas para os públicos do século XXI.
Armando Jorge Silva
- P. 141 Público, utilizadores ou clientes – a árvore e a floresta.
José António Calixto
- P. 149 A informação arquivística contemporânea: breves considerações.
Madalena Garcia
- P. 207 A Inovação no saber disponível: bibliotecas e novos suportes de informação.
Fernanda Maria Campos
- P. 213 Renovação tecnológica na Biblioteca Nacional.
Maria Inês Lopes
- P. 219 Programa rede de bibliotecas escolares.
Isabel Veiga, Cristina Barroso, José António Calixto, Teresa Calçada, Teresa Gaspar

LEITURAS, nº 2 (Primavera 1998)

- P. 35 A ideia de Saber na constituição da modernidade: os livros e a sua Ordem.
Tereza Amado
- P. 85 A classificação e a salvaguarda do património.
Vasco Costa
- P. 105 Os mapas inclassificáveis: exemplos e reflexões.
João Carlos Garcia
- P. 119 A classificação em arquivos: processo natural ou arranjo *a posteriori*?
Fernanda Ribeiro
- P. 127 O Fio de Ariane: a organização do conhecimento nas bibliotecas públicas.
Filipe Leal
- P. 141 As bibliotecas e a organização do conhecimento: evolução e perspectivas.
Maria Inês Lopes
- P. 199 Para uma estratégia em Preservação e Conservação na Biblioteca Nacional.
Maria Luísa Cabral

LEITURAS, nº 3 (Outono 1998)

- P. 51 Organizações: semelhanças e contrastes.
Jorge Correia Jesuíno
- P. 67 Arquivos: comparações necessárias.
Bernardo Vasconcelos e Sousa
- P. 75 Bibliotecas: o caos e a regra.
Francisco Bethencourt
- P. 85 Comparação em museus: da semelhança, da diferença e da relação.
Raquel Henriques da Silva
- P. 129 A propósito de um documento da política cultural joanina.
Isabel Cluny, Paulo J. S. Barata

LEITURAS, nº 4 (Primavera 1999)

- P. 213 Relações de Garrett com os Bertrand: cartas inéditas, 1834-1853.
Manuela D. Domingos
- P. 229 Garrett nos manuscritos da BN: textos e contextos.
Lígia A. Martins, Paulo J. S. Barata, Teresa D. Ferreira
- P. 279 As óperas garrettianas e as suas fontes.
Luísa Cymbron
- P. 285 Em torno da Exposição Garrettiana de 1904.
Lígia de Azevedo Martins, Paulo J. S. Barata
- P. 301 Achegas para uma bibliografia garrettiana: primeiras edições.
Gina Guedes Rafael

LEITURAS, nº 5 (Outono 1999)

- P. 7 Arquivística literária em perspectiva.
António Braz de Oliveira
- P. 33 O espólio de David Mourão-Ferreira: a arquitectura do labirinto.
Teresa Martins Marques
- P. 43 Sobre o tratamento documental dos fundos no Arquivo da Cultura Portuguesa Contemporânea.
Fátima Lopes
- P. 51 «Nem todos os papéis se rasgam ou se deitam fora»: arquivos pessoais e espólios na Biblioteca Pública de Braga.
Henrique Barreto Nunes
- P. 59 A Biblioteca Pública Municipal do Porto: características, tratamento e disponibilização dos seus fundos de «autógrafos».
Luís Cabral
- P. 67 O Arquivo Marquês de Soveral.
João Ruas
- P. 75 L'Archivio Contemporâneo del Gabinetto G. P. Vieusseux.
Gloria Manghetti
- P. 81 Uma experiência com arquivos literários no Brasil.
Eliane Vasconcellos
- P. 91 As associações profissionais e o desenho da política nacional de arquivos: os arquivos pessoais e de família.
Pedro de Abreu Peixoto
- P. 99 The German Union Catalogue of Modern Manuscripts and Letters: present status and outlook.
Jutta Weber
- P. 105 The Coordination of the Literary Archives in Austria.
Andreas Brandtner
- P. 111 The MALVINE search server and the OPAC.
Herwig Zeiner
- P. 119 The impact of SGML on the MALVINE project.
Tone Merete Bruvik
- P. 127 Acervos literários brasileiros em rede digital.
Maria da Glória Bordini
- P. 133 Vantagens e limites da digitalização de espólios literários.
Alfredo Caldeira
- P. 143 Edição genética e edição crítico-genética: duas metodologias ou duas filosofias?
Giuseppe Tavani
- P. 151 Le commerce avec les manuscrits: conservation ou recherche?
Almuth Grésillon

LEITURAS, nº 8 (Primavera 2001)

- P. 7 Da informação ao conhecimento: as Bibliotecas Nacionais no século XXI.
Fernanda Maria Guedes de Campos
- P. 13 As bibliotecas nacionais no século XXI: da informação ao conhecimento.
Catarina Vaz Pinto
- P. 19 Informação e conhecimento: propostas, presenças e ausências.
Carlos Reis
- P. 31 Opening up Europe's knowledge base.
Wim van Drimmelen
- P. 45 Interaction – libraries, technologies and users: a keynote speech.
Esko Häkli
- P. 55 Interaction – libraries, technologies and users: the Library of Congress Digital Futures Group.
Winston Tabb
- P. 65 Multilingualism: a must for the users, a challenge for the libraries.
Jean-Frédéric Jauslin
- P. 73 National libraries and information technology.
Tomas Lidman
- P. 81 Legal deposit as a core component of a policy on information and access.
Giuseppe Vitiello
- P. 89 Digitalization of cultural heritage.
Vojtech Balik
- P. 99 Digital heritage and cultural content.
Bernard Smith
- P. 125 Books and bytes.
Pieter J. D. Drenth
- P. 133 Bibliotheca Universalis, utopie ou réalité.
Alix Chevallier
- P. 149 Projecto Porbase 5 na Biblioteca Nacional: balanço da primeira fase.
José Luís Borbinha

LEITURAS, Nº 9-10 (Outono 2001-Primavera 2002)

- P. 13 A história do livro em Portugal: uma agenda em aberto.
Diogo Ramada Curto
- P. 63 Cultura escrita e história do livro: a circulação manuscrita nos séculos XVI e XVII.
Fernando Bouza-Álvarez
- P. 99 «No pasando por ello como gato sobre brasas»: leer y anotar en la España del Siglo de Oro.
António Castillo Gómez
- P. 123 Uma biblioteca ibérica?
Maria de Lurdes Correia Fernandes
- P. 177 Livros de uso do padre António Vieira.
Arnaldo do Espírito Santo.
- P. 191 Erudição no tempo joanino: a Livraria de D. Francisco de Almeida.
Manuela D. Domingos
- P. 223 O livro quinhentista espanhol em bibliotecas portuguesas.
Maria Valentina C. A. Sul Mendes
- P. 237 Presencia de autores portugueses en la imprenta española en el siglo XVI.
Lorenzo Ruiz Fidalgo
- P. 269 Duas espécies de Biblioteca D. Manuel II.
João Ruas
- P. 293 Biblioteca Digital de Acervos Raros: uma rede brasileira.
Célia Ribeiro Zaher, Ronaldo Menegaz
- P. 311 El catálogo colectivo de ABINIA, *Novum Regestrum*.
Mercedes Dexeus
- P. 321 Creating a Union Catalog of Latin American Imprints to 1851.
Henry L. Snyder
- P. 335 The Hand-Press Book database of the Consortium of European Research Libraries.
Marian Lefferts
- P. 349 Estudos sobre História do Livro e da Leitura em Portugal: 1995-2000.
Manuela D. Domingos, Paula Gonçalves, Dulce Figueiredo

LEITURAS, nº 11 (Outono 2002)

- P. 193 Compilações vicentinas da BN: entre texto e bibliografia.
António Braz de Oliveira

LEITURAS, nº 12-13 (Outono 2003)

- P. 203 Conservação e restauro da Tora de *Rabo de Peixe*.
Katia Bettencourt, Ana Fialho